

# Coisas Soltas

予  
情  
松  
動

ANDRÉ  
2011

## ÍNDICE

- O mundo como sala de aula, 3  
Utopias, 9  
A Mutação do Humano, 14  
A angústia da inteligência, 19  
Imagens poéticas da vida chinesa, 23  
Do engano de si mesmo, 39  
Daoísmo fajuto - ou, um poema político, 46  
Dialética do Biscoito da Sorte, 48  
A quem se engana, o que se engana, 50  
As confusões de um olhar torto, 52  
Quando o passante vê, 56  
O sonho do livro, 59  
As alucinações do Poder Imperial, 66  
Diante do Mal, 77  
Coisas soltas, 80  
Quando não se vê a si mesmo, 86  
Predições Incômodas, 90  
Dazibao, 92  
A difícil Arte de Ensinar, 101  
Todos têm Tao, 114

## O mundo como sala de aula

Os alunos estavam reunidos com Zapotzu. Mestre Za iniciou o debate com a seguinte frase de Confúcio:

‘ensino a todos, sem distinção’

- o que isso significa, pois? Que ensinamos a qualquer um, ou que ensinamos qualquer coisa? – perguntou o mestre Za.

O consenso era de que Confúcio queria dizer, simplesmente, que o ensino é aberto a todos. Mas as dúvidas surgiram: como conciliar isso com um mundo em que muitos não querem aprender? Devemos ensinar para quem não quer ou devemos ensinar o que cada um quer ouvir?

Mestre Za sorriu: - de fato, temos um problema. Se quiséssemos ensinar a todos mesmo, teríamos que ensinar

予  
情  
松  
勤

qualquer coisa – o que não ensinaria a ninguém – ou, ensinar o que cada um quer aprender – mas como alguém pode saber o que quer sem conhecer as opções? Confúcio estava aberto a ensinar para quem quisesse aprender, mas seus ensinamentos – que formam o humanismo (o Ren), e preparam as pessoas apropriadamente (junzi) – embora abarquem o mundo, são uma coisa só. Confúcio não podia ensinar qualquer coisa, isso é um hábito de farsantes; e ele só ensinava, portanto, o que sabia, que era seu modo de olhar o mundo – ou ainda, a termos as dúvidas necessárias para enfrentar a vida.

- Mas mestre – perguntou um discípulo – e como ficam os que não querem aprender?

Zapotzu sacou outra frase das Conversas de Confúcio:

‘Não adianta tentar ensinar para quem não quer aprender’, e

comentou:

- um bom mestre não abandona seus alunos, mas esses se abandonam a si mesmos. Confúcio olhava o mundo como uma sala de aula. Todos precisam aprender para avançar. Mas suponhamos que essa classe, que é o mundo, tenha uns trinta alunos. Cinco, em geral, são ótimos, e nem precisam de muita ajuda. Outros vinte não sabem exatamente o que fazer ou o que querem, mas se esforçam para 'passar' de ano e se manter na média até que um dia escolhem seus caminhos. No fim, apenas uma minoria mesmo – os outros cinco – faz bagunça, criam caos e intimidam os outros. Em geral andam juntos, e agem em bloco. Se olharmos o mundo dessa maneira, veremos que o exemplo é fundamental. Se privilegiarmos os bons, e estimularmos os medianos, todos seguirão o bom exemplo, e os alunos fracos se envergonharão e se sentirão impelidos a melhorar e buscar ajudar. Se não o fizerem, devem ser reprovados e expulsos.

- e isso não é cruel, mestre? Isso não é exclusão?

- diga-me: como é possível arar o campo se há guerra? Como é possível orar com barulho? E como é possível aprender sem disciplina e dedicação? Eu acredito que os professores devem saber estimular os alunos, mas eles não devem ser reféns daqueles que criam a desordem. Hoje se dá tanta atenção aos bagunceiros que eles se sentem privilegiados por isso, e só fazem mais desordem. Os medianos, assim, perdem a vontade de estudar e se miram nos exemplos errados. Por fim, os bons acabam sendo excluídos e perseguidos, numa inversão total de valores. Além disso, a vida implica a realidade das experiências desfavoráveis, que nos ensinam o valor da felicidade, do aprimoramento e do esforço. Lembremos que muitas das pessoas que abandonaram a escola, ao chegarem na fase adulta, relembram e lamentam que deveriam ter estudado mais. Ora, se a maturidade e o tempo ensinam isso,

porque então favorecer o erro para depois tentar consertá-lo? Não se deve manter na escola um aluno que não quer aprender. Deixe-o ir. Não se podem criar regulamentos que favoreçam a difusão da ignorância e a imposição da leniência. Hoje, muitos professores já não querem ensinar também – que absurdo! – e se tornaram profissionais dinheiristas, que entendem que qualificações e estudo são apenas meios para se ganhar mais e suportar menos os alunos! Por trás de todos esses erros existem governantes inaptos e educadores estúpidos e incompetentes, que só imaginam a educação como um evento político. No entanto, não é possível manter uma sociedade assim; não é possível manter o mundo assim. Ao lapidarmos o jade, tiramos lascas de pedra bruta para manifestar sua beleza. Mas hoje as pessoas querem que qualquer granito passe por diamante, e que qualquer caco de vidro seja chamado de esmeralda. Era para isso que Confúcio alertava quando falava de retificar os nomes. Se o bom não for bom, e se o erro for o correto, então, não há o que fazer,

senão contar com a sorte – e um sábio não faz isso.

Zapotzu leu uma última frase para terminar a conversa:

- está escrito nos Registros Culturais (Iiji): 'a educação é um assunto fundamental, e os soberanos da antiguidade davam suma importância a ela'. Quem seria tolo, pois, de querer governar o mundo e não dar atenção a isso? Quem pode esquecer que o mundo, afinal de contas, é uma grande sala de aula, e a vida, um aprendizado contínuo?

# Utopias

“Meu desejo é um país em que as pessoas tenham bons empregos, tempo para o descanso merecido, sejam bem educadas, em que não haja ladrões e malfeitores, os velhos tenham sossego e conforto, os jovens possam ser livres e amar, e os amigos sejam sinceros e leais, sem interesses ocultos”.  
Confúcio, no Liji

Zapotzu leu esse texto numa reunião de intelectuais, tentando explicar o que era o projeto confucionista de uma sociedade harmoniosa, onde Ren – o humanismo – prevalecesse.

Um ouvinte caminhante objetou;

- esse mundo não existe. O ideal é retornar a natureza

original, viver em harmonia plena com o Dao, desprendendo-se de tudo.

Outro ouvinte, legista, também criticou o texto;

- isso é sonho. O mundo é mau. Boa apenas é a lei. Mas sem controle e pulso firme, as pessoas degeneram. Não há essa sociedade ideal.

Zapotzu ponderou as opiniões de ambos e respondeu:

- o que é retornar a natureza original? Grunhir, comer comida crua abatida com as próprias mãos, dormir ao relento, andar nu? Perdoe-me, já ouvi falar do discurso da natureza original, mas nunca vi alguém praticá-lo. É relativamente fácil ser mendigo quando há quem dê esmola, ou comer pouco quando há fartura de comida; mas nunca vi um asceta pelado, sem usar qualquer roupa, e não acredito em eremitas que todos

予  
情  
松  
勤

saibam ser um eremita. Sobre ser desprendido ou simples, isso pode ser aprendido; são valores humanos, que o próprio Confúcio propôs e ensinou. Já quanto ao mundo ser mau e corrupto, ouvi falar de povos que vêem maus exemplos e fraquejam; mas a maior parte das pessoas trabalha, sofre e se submete sem buscar o mau. Quando o exemplo é bom, as pessoas desabrocham, a economia frutifica e a maldade é inibida. Ora, se o errado se inibe simplesmente porque as pessoas aprenderam a apreciar o correto, então, um sistema violento, que depende de leis duras para existir, provavelmente esconde muitas coisas erradas e excessos de capricho pessoal. Só há liberdade com ordem, mas não há liberdade com repressão. Só há simplicidade e desprendimento com trabalho, mas não há nada quando só existe a inércia. Viver de modo simples quando os outros sustentam é vagabundagem e comodidade, não naturalidade.

Do que concludo, pois, que os pensamentos de vocês também

são utópicos; e utopias por utopias, prefiro a de Confúcio, então, que é boa e quer o bem para todos. Me parece, contudo, que se eu sair na rua agora e perguntar o que as pessoas querem, na sua mais rústica ignorância, elas responderão algo parecido com o que o mestre propôs; não era ele, então a voz do povo?

Comentário do Sábio-que-dormia: “quando é o número que importa, dizem que o povo é sábio; mas quando um populista corrupto não consegue aprovação para suas trapaças, chama o povo de burro. Um povo é espelho de sua educação. Ele pede o que precisa, e busca o que lhe ensinaram. Contudo, ainda que pouco educados, os povos do mundo tendem muito mais a serem calmos do que violentos. As guerras são feitas pelos políticos, não pelos populares. A humanidade nasce em busca do bem, e é isso que a torna humana. Confúcio estava certo; as pessoas só querem trabalho honesto e um pouco de sossego despreocupado. São os chefes das nações que fazem

confusão; eles deveriam ser os mais bem preparados e instruídos, mas e no geral, são os mais incompetentes e improdutivos que buscam posições de destaque. Substitua-os e tudo irá bem. Eis porque parece que a afirmação de Confúcio é uma utopia, mas não é. Zapotzu sabe disso também".

## A Mutação do Humano

O que ainda não está formado pode formar-se; e o que já está pode mudar. Como poderia a natureza humana permanecer imutável uma vez formada? Portanto, ao cultivar sua natureza, o sábio sempre se acomoda as circunstâncias para conduzir as coisas, mas tão pouco as deixa em seu curso espontâneo, o que quer dizer que ao selecionar o bom, há que buscar o melhor do melhor, e que ao defender o justo, há que manter-se livre de todo o vacilo, ao invés de relaxar e se deixar levar pelas comodidades e prazeres.  
(Wang Fuzhi, 1619 +1692)

Confúcio afirmava que o que transforma uma pessoa em ser humano é a Cultura. São os costumes, as tradições e os conhecimentos acumulados (禮 Li, também chamados

予  
情  
松  
勁

‘Rituais’) que inserem alguém no mundo humano, afastando-o da animalidade e de uma vida inconsciente. Essa é a grande mutação que se instala na vida humana, derivada do elemento fundamental que articula a continuidade da cultura, que é o estudo e a educação. Por essa razão, ainda que séculos depois, Wang Fuzhi se coloca junto a Confúcio contra o domínio do acaso, e afirma que no curso de uma existência devemos continuamente estudar, sem nos deixar levar pelas comodidades de um bom emprego, uma situação estável ou a impressão de durabilidade da matéria. Esse é o mundo da mutação, e o estudo nos prepara para acompanhá-lo em suas transformações e tendências.

Assim sendo, mudança, auto-aperfeiçoamento, capacidade, talento, tudo isso depende de uma postura de estudo que coloca o ser humano numa posição única na natureza, a de poder transformar-se. Diferente dos outros animais, a humanidade é um processo contínuo de construção e reflexão,

予  
情  
松  
勁

no qual o avanço depende unicamente da vontade íntima de aperfeiçoar-se.

O coração\* do homem está em constante reflexão dia ou noite. Ainda que seja capaz de discorrer sobre os mais variados assuntos, com o que – senão com o coração – ele conta para conhecer as leis que regem a natureza? [...] O talento nasce diariamente porque se o utiliza, e o pensamento é inesgotável para quem pensa [idem]

\*coração=mente

Então, quem é o ignorante, o limitado? É aquele que se abandona as circunstâncias, e que deixa de lado a necessidade do estudo. Estudar é tão natural e biológico ao ser humano quanto qualquer outro processo fisiológico sobre o qual ele pretenda qualquer tipo de controle. É o que a analogia de Daizhen propõe de modo apropriado:

予  
情  
松  
勁

Uma criança recém nascida morre se não comer; e permanece estúpida se não aprender. Ora, todos sabem que a alimentação mínima a sustenta, e que uma boa alimentação a faz crescer e a torna forte; do mesmo modo, se ela aprende cedo e cultiva boas qualidades morais, ela dominará amplos conhecimentos e se tornará um sábio. Em ambos os casos, pois, a razão é a mesma. (Daizhen, 1723 +1777)

Então, quem é o estúpido? É alguém que passa fome porque deseja, que se compraz em sua limitação, que não visa simplesmente o óbvio: melhorar a si mesmo:

Estúpido é aquele que não conhece a verdade das coisas por conta de suas limitações. Só o estudo

予  
情  
松  
勤

pode remediar essa deficiência e transformar um estúpido em inteligente. [idem]

Pois Daizhen aponta, de modo indubitável, o que estrutura a mudança humana: é sua capacidade mental, que criou a cultura como um meio de estender nossa sobrevivência e superar nossas limitações. Quando alguém se entrega então a sua limitação individual, o que pode ele pretender para a sua vida, senão o acidente?

O que caracteriza o homem é sua capacidade mental, capaz de conhecer as coisas. É com essa capacidade, não importando o nível, que o homem distingue as coisas; e de estúpido, pode tornar-se alguém inteligente. [idem]

予  
情  
松  
勤

## A angústia da inteligência

“A benevolência e a moral, sem a inteligência, seriam um amor universal sem distinção entre os bons e os maus; a inteligência sozinha, sem a benevolência e a moral, seria algo inútil e perigoso. Do que se conclui que a benevolência e a moral servem para cultivar o amor a humanidade, e a inteligência, para distinguir os bons dos maus”. Dong Zhongshu

Às vezes nos assustamos com a ‘inteligência do mal’, e das artimanhas que as pessoas ignorantes empregam para atingir um fim. Seus sucessos implicam, muitas vezes, na descrença generalizada nas atitudes corretas. Contudo, o mundo se assenta, justamente, nas atitudes corretas. Observem as pessoas na rua: apesar da plêiade de pequenos defeitos que podem se encontrar ali, a massa, mesmo em seu

予  
情  
松  
勁

desconhecimento, é na maioria honesta e trabalhadora. Uma sociedade que visa o mal se auto-destrói, seja pelos conflitos que provoca em si ou com os outros. Mal orientado, um povo pode ser levado a arrasar-se em conflitos dilacerantes, mas o ser humano busca, ao fim, a estabilidade da paz. Nesse ponto concordo com Mêncio: uma humanidade que não seja, em essência, boa, não pode criar leis para manter-se a si mesma em harmonia.

Mas isso não implica, porém, no desconhecimento das noções de apropriado e inapropriado. O atributo da inteligência é justamente esse; a distinção das coisas, e o conhecimento de suas raízes. Não existe alguém absolutamente inteligente que seja mau, posto que a inteligência traz o esclarecimento; assim sendo, se encontramos alguém que se compraz no inapropriado, devemos duvidar de sua suposta sabedoria. A verdadeira inteligência consiste no estabelecimento das relações que trazem a harmonia; logo, pregar ou promover a

desarmonia irresponsável é sintoma de pouco esclarecimento, por mais sutis que pareçam os discursos dos maus.

O oportunismo, as relações de ocasião, os interesses voláteis, a fraqueza de caráter, a estreiteza de pensamento, o obscurantismo, tudo isso pode se autodenominar de 'inteligência', mas não é, posto que não traz consigo a benevolência e a moral. Para o obtuso, benevolência e moral são apenas modalidades de amor a humanidade que servem de meio para a realização de objetivos pessoais. Nessa fugacidade, a ambição destrói a vida das pessoas, e lança a sociedade ao descabro; mesmo um parasita sabe que não pode matar seu hospedeiro, mas os maus humanos não contemplam mesmo o prolongamento de sua vida, atendo-se a um imediatismo incompreensível.

Eis as razões pelas quais as pessoas não são mais educadas hoje do modo que deveriam ser: pois o estímulo a inteligência iria contra a prática do mal. Benevolência e moral não seriam

capas para o populismo, mas valores reais numa sociedade humanista. Mas, como disse Liushao:

A benevolência é a base da moral; a justiça, sua essência; os costumes, sua expressão exterior; a fidelidade, sua fonte; a inteligência, seu guia. A inteligência nasce da clara compreensão das coisas. Para ver com clareza as coisas, o homem tem que contar com a luz do sol ao longo do dia e com as velas a noite. Se a luz for intensa, ele pode enxergar longe. Mas são muito poucos, no entanto, que enxergam tão longe...

予  
情  
松  
勁

## Imagens poéticas da vida chinesa



*Esses são alguns poemas que selecionei, quando fazia minhas traduções, pensando em como eles expressavam o cotidiano chinês. Estão aqui, para apreciação, mostrando um pouco da vida tradicional dessa sociedade.*

予情  
松  
勁

## ÓRFÃOS

Na vida de um órfão  
em sua vida inteira  
só ha sofrimento  
quando estava com seu pais  
andava numa carruagem  
de quatro cavalos  
meus pais morreram  
e agora, minha cunhada me manda  
ser mercador

vou ao sul, até jiujiang  
vou ao leste, a qi e lu  
só regresso no inverno  
sem atrever-me a queixar  
a cabeça cheia de piolhos  
o rosto cheio de pó

meu irmão me ordena fazer comida  
minha cunhada me ordena cuidar dos cavalos  
vou, pois, a cozinha  
e logo já estou na estrebaria  
com lágrimas de órfão caindo como chuva  
de manha, me enviam pelas águas  
e só volto ao anoitecer

com as mãos gretadas  
e os pés sem sapatos  
andando pesaroso pelas estradas  
pisando nos espinhos  
ao arrancá-los a carne sai junta  
e minha tristeza não tem fim  
as lágrimas caem sem cessar  
uma atrás da outra

no inverno não tenho abrigo  
no verão não tenho uma túnica  
para viver assim  
seria melhor morrer  
chegar, abaixo da terra, nas fontes amarelas

na primavera o vento agita  
os tenros botões das ervas  
no terceiro mês, folhas para os bichos da seda  
ao sexto mês, colher os melões  
empunho o carrinho de mão  
e os levo de volta para casa

vez o outra volto ao meloneiro  
poucos me ajudam  
muitos comem os melões  
só me restam as sobras  
meu irmão e cunhada se enfadam

volto depressa ao trabalho  
mesmo assim, eles me criticam  
em casa gritam comigo sempre  
quisera eu enviasse uma carta  
aos meus pais, embaixo da terra  
dizendo como é duro viver  
com meu irmão e cunhada  
[poema popular]

### **VISITA A UM POVOADO ARRASADO**

Os galos brigavam furiosos  
quando interrompi sua luta  
eles fugiram espantados para o bosque  
só então me ouviram chamar  
saíram três ou quatro velhos  
perguntando se eu vinha de longe  
cada um tinha uma jarra de vinho  
logo os bebi, rapidamente

se desculparam pelo vinho pobre  
não havia nada para acompanhar  
os ladrões e os soldados não lhes davam descanso  
e os jovens haviam ido para a guerra  
os velhos me pediram para cantar  
lhes custou reprimir as emoções  
acabando o canto, olharam para o céu  
suspiraram, e choraram todos  
(Dufu)

### **UMA MULHER POBRE**

Quem pensa que um homem pobre  
tem em casa uma mulher se queixando?  
Escutando o que ela diz,  
poderia não ficar aflito?  
Lamenta pelo filho, em seu regato  
vive pior que um cervinho da montanha  
pensa que ante sua casa

logo virá o coletor de impostos  
sai a olhar os pântanos e montes  
e voltando, seu coração está confuso  
quando veremos o grande oficial?  
chorarei de joelhos diante dele.  
(Yuanjie)

### **LABUTAS DE UM HUMILDE LENHADOR**

Recolho lenha na montanha, busco arbustos secos  
o bosque profundo tem lenha, mas é difícil alcançar  
no outono, a queimar a erva, a relva ardeu  
os ramos estavam secos, recolho o que posso levar  
ressoam os machados nas profundezas do vale  
ato a lenha com uma tira de pano verde  
o sol está a oeste, espero meu companheiro para irmos juntos  
com os ramos nas costas, caminho vergado pelo peso  
sabemos que no caminho há guaridas de tigres  
não nos atrevemos a descansar antes de sair do bosque

予  
情  
松  
勁

a oeste do povoado os campos escurecem, passam raposas e  
lebres, as crianças chamam, o eco responde  
o lenhador não recolhe madeira de pino ou de cipreste  
seus ramos são retos e resistentes  
não são para queimar, mas para fazer cabanas  
(Zhangji)

### **O VELHO CAMPONÊS**

A pobre família do velho camponês vive na montanha  
cultiva três ou quatro clareiras no meio do mato  
a colheita é escassa, os impostos altos, não há o que comer  
o trigo se amontoa como terra nos silos oficiais  
ao final do ano, só restam a enxada e o arado na casa vazia  
ele manda seus filhos colherem bolotas na floresta  
no rio, os mercadores levam perolas  
e em seus barcos, os cães comem carne  
(Zhangji)

## AS MULHERES LAVRADORAS

A andorinha volta ao ninho, os brotos de bambu crescem  
de que casa são estas jovens que estão trabalhando?  
sem homem, sem boi, sem mesmo um arado  
com uma faca revolvem a terra para ará-la  
dizem que sua família é pobre, e sua mãe é velha  
seu irmão maior foi para a guerra sem se casar  
no ano passado, a epidemia devastou seu estábulo  
levaram tecido ao mercado para comprar uma faca  
com seus panos ocultam o rosto para que  
ninguém as reconheça, com uma faca fazem o trabalho de um  
boi, quem as igualaria?  
As duas irmãs se ajudam, cheias de pesar  
não vêem gente no caminho, só terra  
trabalhando o campo, evitarão machucar os brotos  
cavam veios, formam lomos e esperam a chuva chegar  
quando o sol brilha sobre a serra do sul, voltam para casa  
para comer

a cada passo, faisões voam, espantados  
na casa dos vizinhos a oração já passou  
ambas choram o último aroma, e as lágrimas molham seus  
vestidos  
(Daishulun)

### **O PESCADOR**

O pescador fez uma boa pesca  
e está vendendo junto ao rio  
o barco está amarrado junto a entrada  
uma anciã sai, e chama as galinhas e os cães  
recolhe a roupa estendida sobre o telhado das cabanas  
em troca de sua pesca, ele conseguiu dinheiro e vinho  
regressa bêbado e cai dormindo no chão  
uma criança importuna pedindo arroz cozido  
e da neblina em meio as canas, uma gaivota alça vôo  
(Xuzhao)

## O CANTO DO PASTOR

Os demais bois têm chifres tortos  
o meu tem rabo pelado  
levo uma flauta curta e uma grande...  
levo-os para as colinas do sul, nas serras do oeste  
o sol cai, os pastos estão longe, o boi caminha lento  
quando está cansado, quando tem fome, só eu sei  
se o boi se levanta, eu canto, se cai, me sento; a noite, na volta,  
me deito junto dele  
todo o ano cuido do meu boi, sem mais preocupações  
só temo ter que vende-lo para pagar os impostos  
(Gaoqi)

## SABEDORIA POPULAR

Se uma só mulher deixa o tear  
três carecerão de roupa  
se um só homem deixa de lavrar  
oito bocas passarão fome

予  
情  
松  
勤

quando o frio e a fome nos castigam  
quem pode descuidar do seu dever?  
que pede o coração do povo?  
ter sempre algum apoio  
não se deve esquecer essa regra nem por um instante  
e o sábio procura observá-la  
(Yangji)

### **FOME**

As amoreiras, nas colinas, são frondosas e verdes  
o trigo, ante a porta, está amarelinho  
as pessoas que encontro dizem que a colheita será abundante  
mas ainda não há onde pedir comida  
(Qianbochuan)

## INUNDAÇÃO

A inundação do quarto mês matou meu painço  
A inundação do quinto mês matou meu trigo  
são incontáveis as mortes no campo causadas pelo rio  
não basta que agora o painço está morto e o trigo está morto  
vem o coletor de impostos matar todos nós  
mil homens se agitam, saem decididos  
multidões de homens cercam os dois lados do caminho  
trepados nas árvores, armados de paus  
venham comigo matar os coletores  
(Qinshuyang)

## AS TRÊS CLASSES

Antigamente os soldados eram camponeses  
os camponeses eram ricos, e os soldados poderosos  
antigamente os letrados eram camponeses  
e os camponeses eram honrados, e os letrados bondosos  
quando separaram as armas da agricultura

予  
情  
松  
勤

nas casas não faltou grão  
quando se separaram as armas das letras  
os lavradores deixaram de ser instruídos  
é difícil ser soldado sem comer  
é difícil ser letrado faminto  
ao separá-los se prejudicaram os três  
reunindo-os, reinaria uma ordem uniforme  
queria assinalar aos que tem algum cargo  
que a paz e os distúrbios da sociedade  
dependem disso  
(Hanxia)

### **O MASCATE**

O mascate dorme vestido  
o céu do outono não quer clarear  
a luz da lua ainda entra pela cortina  
em seu retiro, donde escuta longe o rumor do rio  
seus projetos fracassaram, não tem roupa nem comida

予  
情  
松  
動

quando voltar terá que recorrer aos amigos  
sua velha esposa lhe escreveu carta atrás de carta  
ele apenas responde que ainda não pensa em voltar  
(Dufu)

### **O VIAJANTE**

No ano passado, as andorinhas fizeram ninho em minha casa  
este ano, os arbustos florescem junto ao caminho  
viajo ano após ano, sem voltar para a minha casa  
como saber se minha família está viva?  
a poeirada dos cavalos tártaros se levanta encobrindo o céu  
em que terra o vento da primavera não evoca aqueles que  
estão longe?  
(Xunjue)

予情松動

移舟法烟浩日幾夕客

愁新 醒曠巨紙

柳江清月

蒲松恩教授

錄于江陰詩話

辛未夏日定松書



## Do engano de si mesmo

子曰：啟，不悱不發，舉一隅不以三隅反，則不復也。

O Mestre disse: "Esclareço apenas os entusiastas: oriento apenas os fervorosos. Depois de eu ter levantado um lado de uma questão, se o estudante não conseguir descobrir as outras três, não repito". Lunyu (Conversas)

O que Confúcio defendia é: para quem não está interessado, o que se pode ensinar? Foi o que ele deixou bem claro quanto a Zaiyu:

Zaiyu estava dormindo durante o dia. O Mestre disse: "Madeira estragada não pode ser entalhada; paredes de esterco não podem ser rebocadas. De que serve reclamar com ele?" (Conversas)

予  
情  
松  
動

Mas a questão que levanto é outra: como saber que alguém não está, de fato, interessado? Aliás, se Confúcio tinha a capacidade de entender os “ângulos” de um problema – tal como ele exigia dos alunos – porque ele próprio acabou sendo enganado, perseguido e expulso das terras por onde passou?

Há algo interessante ao analisarmos a questão proposta em Confúcio; se a tomarmos de um ponto de vista fanatizado, ou religioso, vamos ter que admitir que ‘o mestre não errava’, o que particularmente creio ser o pior dos erros possíveis. Acredito que as idéias de Confúcio são coerentes, e por isso acho válidas; contudo, dizer que o seu sistema é perfeito, e sua capacidade de análise é onisciente são dois enganos grotescos. O sistema de Confúcio é humano, e feito para eles; não propõe transcendências ou questões metafísicas – do que decorre que suas idéias têm um alcance limitado, mas não

prometem também coisas impossíveis (embora às vezes possa parecer que a implantação da educação é algo do gênero...). Sendo humano, se destina aos humanos, e tem os mesmos como o centro de todos os problemas e soluções. De fato, todos os sistemas são humanos, mas alguns insistem em contar com forças 'além do humano' para concretizar-se, o que é um tanto problemático.

Este é o caso de Confúcio; ele podia ensinar o que sabia, mas o que estava além dele, ele não podia. Ele podia ensinar alguém a ser correto; mas a fazer as coisas erradas, isso é por conta do indivíduo. Ele passou sua vida toda tentando ensinar valores, virtudes e sabedoria; mas ele mesmo sabia que não podia alcançar tudo. Podemos ser ludibriados, como ocorreu com Confúcio em relação a Zaiyu ou Ranqiu; o mestre acreditou que poderia ajudá-los a modificarem a si mesmos, mas eles não quiseram. O que fazer então?

Alguém pouco inteligente poderia afirmar, por isso, que as teorias educativas ou a postura do velho chinês poderiam estar equivocadas, mas creio que não é assim, exatamente: a questão é que estaremos totalmente expostos, sempre, ao fracasso dos indivíduos em se auto-aprimorarem. O que podemos fazer, pois, é continuar tentando educar, e sempre da melhor maneira possível – ou, que da melhor maneira que pudermos. Sem derrotas para o pessimismo, mas se trata, no fundo, de se preparar as ‘puxadas de tapete’ que a vida dá. Quem quer que queira ser educador, tem que conviver com a questão que há alunos que não querem melhorar, crescer ou evoluir. Ponto final. Cada um tem seu tempo, e pode mudar ao longo de sua vida; alguns mudam de opinião, outros não, e o desejo de um educador é sempre ver suas propostas frutificarem, mas... quem disse que isso é dado ao nosso tempo de existência?

予  
情  
松  
勤

Diante do universo, o tempo de uma vida é mais breve que um suspiro.

Faz parte da sanha dos educadores, por consequência, estarem preparados a todo o tipo de problemas – seja com alunos ou mesmo, com colegas de profissão. Não devemos pensar que a imaturidade ou o mau-caratismo são coisas restritas aos alunos, ao contrário; muitos dos que se propõem educadores continuam a ser, na verdade, os velhos enganadores de antigamente. Os sofistas, ao menos, eram autênticos. Milhares de pessoas que foram incompetentes para gerir um comércio rentável ou um banco resolveram ser ‘professores’ ou ‘educadores’, projetando o seu velho problema com dinheiro dentro das instituições de ensino. O oportunismo, infelizmente, é um problema crônico na história.

Por isso, como está no Tratado das Mutações, 26, ‘O homem

予  
情  
松  
勤

superior se põe a par dos muitos ditos da antiguidade e dos fatos do passado, de modo a fortalecer assim seu caráter'. Ao olharmos para o passado, constataremos que já está tudo lá; os bons e os maus momentos, a luta constante pelo aprimoramento humano, os grandes exemplos, as derrotas e as vitórias, e a constatação invencível de que somente a educação pode realmente levantar a humanidade de seus piores momentos. Confúcio não podia saber que seria enganado, senão ele não seria. O que ele sabia, provavelmente, é que não havia como evitar uma conspiração por parte dos ignorantes; só há como escapar dela, ou quebrá-la, quando possível. Mas isso exige paciência. Isso exige disponibilidade e força para suportar as situações mais calamitosas, saber se retirar quando oportuno, e voltar quando necessário. Há que esperar, muitas vezes, pela evolução dos outros para se possa empreender algo. Há que se preparar, inclusive, para ser melhor quando os outros precisarem, pois mesmo um educador deve se aprimorar

constantemente. É o que está no Grande Estudo: ‘renova-te, renova-te, renova-te’.

Acho que era a isso que Confúcio se referia. Temos que olhar os vários ângulos de uma questão para compreendê-la. Contudo, isso não significa que as pessoas irão concordar conosco. Aliás, muitas na verdade podem absolutamente discordar de uma proposta realmente educadora por não estarem nem um pouco interessados em educação. Elas não são capazes de compreender os outros lados porque não são capazes de vê-los, ou sequer imaginá-los. O sábio pondera sobre as coisas, e decide o que é mais apropriado. Pode não dar certo sempre, mas é uma postura intelectual, que se traduz num modo de vida: a obstinação pelo melhor para a maioria. Mas essa é uma consideração tão complexa e profunda que escapa a muitos, e é ignorada por grande parte da multidão.

予  
情  
松  
勁

# Daoísmo fajuto - ou, um poema político

Seja autoritário  
E faça com que mendiguem seu favor  
Você será exaltado

Seja determinado  
E faça com que estudem para o labor  
E você será detestado

Seja liberal  
E não faça nada por amor  
E você será amado

Seja visionário  
E faça tudo com furor  
E você será desprezado

予  
情  
松  
動

Seja falso, demagogo, desleal  
E você fará traição

Seja verdadeiro, honesto e leal  
E você conhecerá a traição

Mas quando tudo mais falhar  
E aí, o outro fugir

Somente o santo sábio vai voltar  
E começar a resistir...

## Dialética do Biscoito da Sorte

Zapotzu estava em dúvida sobre abrir ou não seu biscoito da sorte.

E se houvesse uma previsão ruim? Mas biscoitos não predizem coisas ruins, no máximo avisam. Porém, se o ruim acontecer, que diferença faz abrir ou não o biscoito? Se preparar para o pior, apenas?

A preparação só pode existir se alguém puder mudar seu “destino”. Nesse caso, abrir o biscoito seria útil. Se, claro, ele for verdadeiro. Pois do mesmo modo, abrimos o biscoito esperando que ele vá nos dizer algo de bom. E nesse caso, torcemos para que o previsto ocorra. Mas se acreditamos nisso, então, é porque pode acontecer da sorte não ocorrer como previsto, o que nos jogará numa previsão falsa e num biscoito errado.

予  
情  
松  
動

Do mesmo modo, se a sorte pode ocorrer sem abrir o biscoito, que diferença ele fará então?

Zapotzu nunca pensou que um mero biscoito pudesse lhe dar o que pensar. Decidiu que, sendo, um mistério, deveria penetrá-lo; e que sendo um estudioso, deveria guiar sua vida pela cabeça, e não pelo acaso.

Como um bom letrado, tomou para si a condução de seu caminho, engoliu o biscoito sem abri-lo, e assumiu o que viesse pela frente.

予  
情  
松  
勤

## A quem se engana, o que se engana

Um homem andava pela floresta quando se deparou com um tigre vindo em sua direção. Borrou-se de medo, mas como estava com o vento à seu favor, o tigre não o farejou de imediato, e ele percebeu que essa era sua chance. Pensou rapidamente nas opções, e viu que correr não era uma delas; subir numa árvore também era perda de tempo, já que o tigre poderia alcançá-lo. Resolveu então tentar algo diferente; fingir-se de morto. Caiu no chão, respirou bem devagarzinho, o mais quieto possível, e esperou pelo pior.

O tigre passou, deu uma olhada, pensou um pouco, cheirou, e não se animou. Acabou indo embora, sem se preocupar com a possível presa morta.

予  
情  
松  
動

Enquanto o tigre saía, o homem continuou parado, sem saber se ele já havia ido. Nisso apareceu um gambá, que olhou o homem com desprezo e guinchou:

- farsante!

O homem, surpreso, olhou para o indignado gambá e perguntou:

- ei, como você sabia que eu não estava morto?

- porque você não fede, oras! Mas já resolvemos isso!

E mijou-lhe fedido, todo.

Moral da história: quem não quer enfrentar um tigre, acostume-se a ser penico de gambá.

## As confusões de um olhar torto

Zapotzu convidou para jantar em sua casa um demônio, o macaco e a tartaruga.

Nessas ocasiões a cortesia é fundamental, já que ir a casa de um sábio é uma grande honraria. Até os animais e demônios sabem disso. Só os tolos esquecem.

Lá pelas tantas, a conversa acabou se dirigindo para uma daquelas curiosidades perigosas, mas irresistíveis, que só um deles poderia responder: o assunto era a morte. Depois de vários goles de vinho, ninguém se lembra quem perguntou, mas a questão era: o que acontece quando morremos?

O demônio, que trabalhava no tribunal do inferno, começou então a explicar:

予  
情  
松  
勤

- ah, é simples: julgamos as coisas por meios que poucos entendem, administramos justiça implacável, servimos ao senhor do Céu e quem merece, despachamos para o seu paraíso.

Zapotzu, o macaco e a tartaruga se entusiasmaram. Então, há paraíso?

O demônio, que estava de folga, resolver ser gentil e lhes ofereceu a seguinte proposta:

- bem, posso fazer assim: abrirei uma porta para o paraíso de cada um de vocês, mas vocês têm que voltar.

Os três concordaram avidamente. O demônio então pegou um pó que trazia consigo e jogou no chão, fez alguns sinais e três entradas luminosas surgiram. Os colegas entraram cada um na sua porta, e alguns minutos depois já estavam de volta.

予  
情  
松  
勤

- então, o que acharam? Perguntou o demônio.

- lamento, disse Zapotzu-, mas achei um tormento! Não parava eu de correr e pular, de saltitar como um louco, de comer famigerado, só via árvores e risadinhas ao meu redor, não tive sossego um segundo!

- pior pra mim! - disse o macaco – estava numa praia sem nada para fazer, só mar na frente, areia atrás, que horror!

- pois comigo foi o mesmo – disse a tartaruga. Me vi no meio de um bando de gente, de livros, discussões eruditas, música, nada de calma, nada de solidão. Tudo muito cheio...

Se entreolharam e perceberam que o demônio se enganara. Eles trocaram as portas e foram para os paraísos uns dos outros. Todos riram, e decidiram que não se pode confiar em demônios bêbados.

予  
情  
松  
動

Moral da História: demônios entendem tudo de paraísos, mas não sabem administrá-los. Por isso que o caminho é sempre de cada um, sem atalhos.

予情  
松勤

## Quando o passante vê

Um homem passava em frente a um vendedor de armas. Ele gritava “minhas lanças furam qualquer couraça! Meus escudos protegem de qualquer lâmina!” Um passante ficou curioso e perguntou: “e o que acontece se sua lança atacar o seu escudo?”. O vendedor ficou mudo. Hanfeizi

Demagogos sempre têm planos mirabolantes para tudo. Eles dizem que são ousados, mas não são: são cheios de falhas, de brechas para a ilegalidade, de duplas ou triplas interpretações que funcionam segundo a conveniência da situação.

O desejo e a ambição são partes do ser humano, e até mesmo os que querem “libertar-se espiritualmente” desejam essa “transcendência” e ambicionam a paz, o nirvana, a sabedoria,

予  
情  
松  
動

o que seja. Não é estranho, portanto, que alguns desejem colocar seus serviços a disposição do país; de aplicar suas idéias a sociedade, de tentar consertar o mundo em desalinho e acompanhar a mutação.

Esse, aliás, é o bom governante. O problema é o idiota; o ignorante que se arroga líder, e prevarica com os bens públicos para alcançar desejos privados. Ele quer o poder, o dinheiro, o sexo fácil, a aura de sábio, se pretende guia das multidões mas sabe, consigo mesmo, que não quer nada disso. Que se dane o resto. O poder é um “bem particular” em sua visão, um usufruto derivado de sua sorte.

Mas para isso ele precisa ludibriar, e convencer de que foi calcado para o posto. Necessita, então, de quimeras fantásticas, mas simples, para conquistar o povo rude e ignorante. Seus planos são incríveis, e contam com a violência para vencer os obstáculos. A questão é quando chega o dia de

aplicá-los. Quando um estúpido chega ao poder, ele é denunciado por sua pretensão, arrogância e incapacidades. Diante das provações que ele criou para si, e prometeu desafiar, ele não sabe que fazer. E o passante vê e percebe. Um dia, o andarilho celeste perguntou ao Cão: “o que você fará quando finalmente alcançar a roda do carro?”. Ele não soube dizer, ou não quis responder...

## O sonho do livro

Era um letrado – e como tal, adorava livros. Colecionava-os, lia-os, e adorava sua biblioteca, um pequeno santuário no qual se escondia. Nesse manancial, colhia as respostas que precisava; às vezes, explorava-a em longas aventuras; em outras, descobria somente o mistério - e nesse caso, acabava tendo que correr atrás de novos livros.

Não tinha roupas chiques, nem deleites elegantes. Era sossegado, comia de modo simples, e adorava seus livros; tanto que, ao pensar na morte, preocupava-se em quem iria cuidar dos seus amigos de papel, para que eles continuassem servindo a humanidade.

Uma noite, porém, ele sonhou: sonhou que andava entre dois bairros conhecidos, que existiam de fato no mundo real, quando ele estava acordado. Contudo, num canto entre eles

予  
情  
松  
動

havia uma livraria, que só estava ali, em seu mundo de sonhos.

Como não lembrava que era um sonho, sabia da estranheza da tal livraria naquele lugar, mas não se incomodou, ao contrário: entregou-se a paixão de fuçar as prateleiras, e ficou com água na boca com todos aqueles volumes, capas, tipos, fontes, textos, enfim...

Mas um livro chamou-lhe a atenção: era uma história da China, uma que ele nunca tinha visto. Não conhecia o autor, mas lhe pareceu fascinante; uma breve folheada revelou páginas magníficas e excitantes, do tipo que ele gostaria de ter escrito. Entusiasmado, ele ia ler mais, quando,

Ele acordou.

予  
情  
松  
勤

Acordou chateado, e incomodado. Ele adorara aquela livraria que parecia não existir na sua “vida real”, mas que estava ali, no mundo dos sonhos. O que lhe importunou, porém, foi o livro. Ele queria tê-lo; queria lê-lo. Queria saber mais sobre aquela história secreta, extraordinária, desconhecida. Queria o livro, e não sabia como fazer.

Demorou-se alguns meses nesse leve, mas desconfortável sentimento, sem que isso mudasse de fato sua vida comum – afinal, era um sonho – mas como bom leitor, queria ter visto mais daquele livro. Tinha capa velha e desgastada, mas estava bem conservado, um sinal de robustez, respeito e singularidade. Era uma curiosidade, mais que uma obsessão, ler aquele livro; no entanto, precisava se conformar.

Então, uma noite ele sonhou novamente.

予  
情  
松  
動

Atravessava a praça, que levava até a livraria, aberta para a rua. Os livros maiores, como as enciclopédias, estavam arrumados na calçada, amarrados, esperando que alguém comprasse a coleção.

Ficou feliz de estar ali. Sabia agora que era um sonho, e como tal, não estava lá por vontade própria, mas por acidente.

A oportunidade era única. Correu até a livraria, deseioso de ver o livro. Antes de encontrá-lo, porém, esbarrou com vários outros títulos que roubavam a atenção. Era difícil se concentrar; haviam muitos, e todos pareciam ter algo de especial, mas ele se forçou, andou, e chegou na prateleira.

Ele estava lá. Não no mesmo lugar, alguém o havia mexido, ou lido. Excitado, o letrado pensou mais uma vez em lê-lo. Melhor: resolveu comprá-lo, e levar para a casa. Mas não tinha dinheiro. No sonho, os acidentes sempre acontecem. O

予  
情  
松  
勤

livro era um pouco caro – não muito, apenas acima da média – e o incomodava mais uma vez. Desesperado, e sem dinheiro, ele resolveu pedir ao livreiro que o guardasse, para que ele pudesse buscar dinheiro em casa. O livreiro, meio careca, bigodudo, do tipo gordo simpático, mais parecido com um dono de boteco, prometeu guardá-lo, com um desdém carinhoso do tipo “certo, certo, espero que você venha mesmo buscar...”.

Feliz, a ansiedade tomou-lhe por inteiro. Havia entre a praça e a livraria uma pequena rua, na qual passavam ônibus. Um deles ia para sua casa. Atravessou a rua, tomado pelo desejo inevitável de ter o livro, e foi esperar o ônibus. Ia pegar o dinheiro logo, voltar no mesmo dia e comprar o livro. Mas o ônibus não vinha... Ele começou a ficar nervoso. Olhava para a livraria, pensava no seu livro, e a condução não chegava. Eram minutos sofridos e intermináveis. Começou a ficar nervoso, preocupado,

E então, acordou.

Acordou tenso, precisava urinar. O pior: teve o livro na mão, mas não o leu nem o comprou. Não sabia o que fazer. Agora estava enraivecido. Queria ver o livro, queria ler. Começou a dormir pensando na livraria, para ver se conseguia ir até lá. Leu um certo texto que ensinava a como dominar a si mesmo no sonho, para tentar voltar aquele lugar. Mas passou quase um ano, e ele não sonhava de jeito nenhum com a livraria. Chegou a imaginar bobagens; e se morresse, ele acharia o tal livro?

Pensou também em largar tudo na vida real, aqueles livros todos pareciam agora prendê-lo, quando ele só queria ler um... Foi se desligando, aos poucos, do livro imaginário, desistindo de vê-lo.

予  
情  
松  
動

Então, uma noite, ele sonhou e voltou à livraria.

Estava ali, diante dela. Controlou-se para não ser dominado pela emoção, e não se deixar levar pelo sonho. Tinha dinheiro dessa vez. Aprendera com aquele “controle do sonho” a materializar certas coisas, e o dinheiro que lhe faltara antes estava agora em seu bolso. Ele sabia.

Atravessou solene a praça, para finalmente obter o seu desejo íntimo. Encontrou o livreiro no sonho, e pediu seu guardado. Com um sorriso, o livreiro respondeu:

- Desculpe, você demorou a voltar e eu o vendi.

Então, ele acordou. E estranhamente, estava mais calmo.

# As alucinações do Poder Imperial

O Mandato do Céu é dado àquele que irá restaurar a ordem cósmica. Contudo, ele exige uma sabedoria e uma força interna que são virtudes raras de se achar. Na ausência de um sistema educacional eficaz, isso fica ainda mais difícil, dado o despreparo dos seres.

Por isso, quando os mais preparados são levados diante de sua missão, eles costumam recusar de início. Tanto por humildade, mas diante da tarefa colossal que tem por realizar, o aconchego do lar se torna muito mais interessante do que os anos de privação que o sábio terá que enfrentar. Diante da responsabilidade, porém, ele acaba cedendo à empreitada.

Tempos depois, quando sua missão está cumprida, ele em geral não lembra, e nem procura saber, como chegou lá. Ele prefere se voltar às coisas simples, como escrever, cuidar do

予  
情  
松  
勤

jardim ou pintar.

Uma das coisas que se aprende ao se pôr ordem no mundo é que, apesar das pessoas serem variáveis, o simples exemplo e a liberdade no agir estabelecem as coisas. Deixar as pessoas apenas fazerem o que querem, permitir que cumpram suas obrigações em paz, isso é o mais fácil e o adequado. Letrados e caminhantes já sabiam disso. Não é difícil corrigir os excessos quando direitos e deveres são definidos e cumpridos. De fato, numa sociedade ordeira, a vergonha faz o trabalho da polícia entre os inconvenientes e abusados.

Esse é o ideal. Mas como os seres são únicos, e em sua ignorância desconhecem a ordem natural da mutação, eles se arrogam a prerrogativa de tomar para si o mandato do céu e as funções da sabedoria. Essas pessoas alucinadas sofrem com o delírio do poder imperial, numa sanha abjeta de impor suas vontades egoístas. Incapazes de buscar a sabedoria –

embora saibam identificá-la quando a vêem – os alucinados criam expedientes para tentarem se fincar no poder.

Quando o conseguem, pela força de sua persuasão, e pela ausência indistinta de todo o restante das pessoas, os alucinados determinam e impõem todo azar das calamidades e excessos que destroem a dinastia e põem em desordem o mundo.

### *Expedientes*

Sunzi já sabia que um grupo pequeno, mas determinado em seus propósitos, pode alcançar vitórias inimagináveis. Os que sofrem dos delírios e desejos de poder em breve se associam, para promoverem a dominação. Caso interesse ao buscador conhecer melhor esses expedientes, aqui vão os mais comuns:

Difame: um bom trabalho é reconhecido pela inveja que

予  
情  
松  
勤

desperta. A difamação consiste nisso. Quando bem feito, e os resultados aparecem, o autor é chamado de arrogante, exibicionista e prepotente. Isso fica mais evidente quando os incompetentes, no desejo de concorrer, mostram suas produções descabidas e suas idéias absurdas.

Reclame: um bom trabalho pode ser feito a partir de pouco. Quando isso fica claro, os intrigantes reclamam que trabalhos com “poucos recursos” inibem investimentos superiores e legitimam a penúria. Para esses, somente uma cornucópia de dinheiro pode sustentar uma empreitada modesta. No entanto, governos reconhecem iniciativas inventivas, e não raro decidem implementá-las. Assim, quando o sábio consegue recursos novos para aumentar suas obras, é chamado de áulico e bajulador.

Intriga: um sábio não se importa em dividir seu arroz com um faminto. Com pouco ele faz muito, e sua tarefa lhe exige

criatividade. A intriga consiste em pôr dúvidas as suas realizações e altruísmo; “de onde ele tirou dinheiro para isso?”, vão dizer. Se o sábio passa a cuia de esmolas ou tira de seu próprio bolso, isso é inconcebível: novamente, ele “legitima o abandono do governo” e dá “mau exemplo”, pois se imagina que será moralmente exigido dos colegas o que ele faz por conta própria. Se ele busca a generosidade alheia, é acusado de evidenciar a “pobreza” da Instituição em que trabalha, lançando-a na “vergonha” (e impondo a legitimação do governo pelo “disse-me-disse”). Nos países mais desenvolvidos do mundo, as pessoas de posse sabem do valor de investir na educação, e não raro doam recursos para pesquisas e bibliotecas. Mas para quem não é humilde, o mecenato é uma ofensa, a caridade uma desonra, e o altruísmo uma insensatez.

Prevaricação: não raro, porém, os alucinados acreditam que a malversação de recursos, a incompetência e o suborno são

予  
情  
松  
勤

formas de amearhar fiéis. Por isso, apesar de seu discurso de favorecer o mundo, eles cobram por tudo – e bastante. Eis porque lhes é incompreensível a razão pela qual o sábio faz o que faz com o povo e para todos. Abnegação e dedicação ao outro são atitudes e sentimentos incompatíveis com a tomada de poder.

Cerceamento: é importante que o sábio seja acusado de tudo isso antes que ele denuncie os erros alheios. Obrigado a responder pelas calúnias, o sábio se vê forçado a abandonar parte do seu trabalho para responder a algumas delas. Num primeiro momento, se as calúnias não interferem no andamento dos projetos, o próprio sucesso será a resposta. Contudo, por vezes os delirantes decidem impedir a continuidade dos bons trabalhos, com receio que o sábio lhes tome o poder que tanto almejam.

Por isso, quando o sábio se defende, parece que ele é o causador dos problemas, mas não é. Mesmo que prove que suas atitudes são sensatas, e que sua figura é inocente, ele se transforma em um “transtorno” para muitos, que o consideram chato, reclamão e criador de confusões. Poucos percebem que ele sofre uma perseguição, e são menos ainda os que se colocam ao seu lado. Muitos preferem ignorar o assunto, seja por conivência, seja porque não querem se importunar. Tais pessoas, de atitude indistinta, não percebem que caso os alucinados pelo poder imperial assumam o governo, isso lhes afetará também. A leniência e o descaso são amigos da destruição.

No entanto, tornar-se um chato também é uma fonte de poder. Diante das argumentações insistentes, alguém pode obter o que deseja, embora não saia por simpático.

## *Saídas*

Por isso tudo, a prática da sabedoria parece desanimadora. Mas o desânimo e o pessimismo não são companheiros da razão. Deve-se observar a situação e avaliar as possibilidades.

Com líderes fracos, ou sem colegas de personalidade, é melhor retirar-se, sem culpa. Não há clima para a mudança ou evolução. Deve-se aguardar a mutação agir, e na época de calamidades o sábio é chamado de volta. Com Confúcio foi assim.

Em governos dirigidos pela maledicência, ganância e fofoca, não há muito que se fazer, já que as decisões não se baseiam nas leis.

Em lugares onde há liderança, se ela for forte ou de personalidade definida, pode-se empreender. Ainda que

possa haver discordâncias, onde a sinceridade é um hábito, a compreensão e o bom entendimento são coisas comuns e práticas usuais. Quando o poder é vacante, o sucesso do sábio se evidencia, e ele terá associados para realizar seus projetos.

Não deve aquele que busca a sabedoria ausentar-se da tarefa de transformar o mundo, mas apenas saber quando e como realizá-la. Senão, do que consistiria o seu caminho? A educação é um projeto constante, contínuo, e revivenciador dos princípios que constituem a cultura e mantém a humanidade. Isso é imprescindível, e precisa ser feito sempre. Por essas razões é que a sabedoria necessita de coragem, força interna e paixão pelas pessoas.

Quando o desânimo invade o coração é importante não abandonar-se ao contexto histórico que a situação implica. A sabedoria é o contraponto da desordem, e serve justamente para resolvê-la, doravante trazendo a ordem perdida para o

mundo. O desejo de adquirir poder daqueles sem as qualificações necessárias pode mesmo atingir suas metas, mas os custos são altos e destrutivos. O que se pretende o sábio, pois, é ensinar e elucidar as pessoas a evitarem que a maldade e a ignorância se apoderem de seus corações.

Um sábio deve, pois, agir com discrição, buscando evitar que seus talentos se revelem de modo estrondoso e causando, assim, os problemas citados. Deve ser igualmente paciente e humilde, no sentido de não impor autocraticamente o seu ponto de vista. No entanto, não se pode confundir gentileza, discrição, humildade e paciência com submissão e conivência. Diante do erro, ele deve revelá-lo, de modo a resolvê-lo. Não deve mudar suas opiniões, se isso implica em realizar algo inapropriado. Ser constante na prática do caminho, aberto às opiniões, ponderado, exigente e compreensivo, mas sem ser fraco; esse é o sábio.

予  
情  
松  
勁

Pois aquele que acha esse caminho difícil, espere a guerra, a desolação, a destruição, a ignorância e a falta de perspectiva para dedicar-se a ele com afeto zeloso...

予情  
松勤

## Diante do Mal

Se não há mal absoluto, e se ele é fruto da ignorância, há que se admitir também que existem pessoas demais no mundo que militam na ignorância. E nisso, eles se desdobram na prática do que é inapropriado.

A questão é: diante do mal, sabemos que a melhor resposta é a educação. Mas se ele se manifesta de modo direto e ameaçador, o que fazer?

Alguns insistem que a inação é o meio certo de se combater o mal. Mas quanto tudo estiver destruído e o mal, esgotado em si mesmo permitir o retorno do bem, o que terá sobrado? Quem será testemunha do novo ciclo da mutação?

Do mesmo modo, combater o mal com o mal é usar ignorância contra ignorância. O tratado das mutações afirma

予  
情  
松  
動

isso: os maus, perante o desagrado, reagem com violência. O sábio, porém, não deve usar da mesma. Confúcio, porém, disse: “retribui o bem com o bem e o mal com justiça”, o que significa: não se pode tolerar o mal que corrói e destrói a tudo.

Um sábio, pois, busca educar; quando isso falha, aconselha; quando isso falha, adverte; e quando isso falha, invoca a punição justa sem excesso, mas adequada a inibição e correção do mal.

Em face do mal, pois, é preciso combatê-lo com prudência, cuidado e paciência. Não existe a idéia de extirpá-lo pela simples abominação que ele causa, mas pelo desejo sincero de reformar o mundo pelo humanismo. Nada se ganha apenas punindo ou lutando com tenacidade. A obstinação deve ser em esclarecer, e tornar a vida de todos melhor.

予  
情  
松  
勤

Ainda que as propensões levem os seres aos desatinos, o ajuste constante é o melhor meio de combater o mal pela raiz. A supressão violenta causa rancor e temeridade, a leniência e a indisciplina permitem a desagregação da cultura.

Atenção, dedicação, educação e paciência. Em face do mal, são as melhores armas.

Mas o sábio carrega uma espada consigo.

## Coisas soltas

Um aprendiz buscou o sábio que dormia para tomar algumas lições sobre como pôr o mundo em ordem. Chegando lá, esperou o mestre acordar, e fez-lhe um chá que havia trazido. O mestre achou gentil e divertida a atitude do rapaz, e perguntou no que poderia ajudá-lo. Ele disse:

- mestre, me ensine como pôr as coisas em ordem no mundo.

O mestre deu uma risadinha, um suspiro e respondeu:

- é fácil. Comece arrumando meu quarto.

O discípulo olhou os livros espalhados, a cama desarrumada – mas extremamente gostosa, parecia – alguns objetos dispersos e ficou confuso.

予  
情  
松  
動

- onde quer que os coloque?
  - em qualquer lugar que você quiser, - disse o mestre.
  - mas o senhor pode não gostar da minha arrumação.
  - sim, é verdade.
  - e como faço para acertar?
  - e se eu não te disser como?
  - então, não vou saber. Terei que tentar até acertar.
- O mestre sorriu e lhe disse:
- como você vê, quem disse que o mundo já não está em

予  
情  
松  
勤

ordem? Você olha essa bagunça e não percebe ordem nela. Mas e se eu te disser que já há uma ordem aqui? Aquela que eu mesmo criei, que me dá conforto e que está a mão quando eu preciso?

O aprendiz se sentiu iluminado com aquilo, como se tivesse tomado um tapa na cara. De repente, estava tudo em seu lugar certo. Então, ele perguntou:

- mestre, a atitude correta, pois, consiste em não agir, e deixar tudo fluir naturalmente?

- claro que não! - disse o mestre.

Surpreso, o rapaz não entendeu.

- por acaso a maçã virá da árvore até sua boca se você não se mexer? Haverá arroz se você não planejar a plantação? Não,

予  
情  
松  
動

não... a ordem respeita a natureza, com certeza... mas ela depende da atitude interior de querer mudar as coisas.

- não entendi, - falou o rapaz.

- pense no mundo como uma casa, repleta de coisas soltas pelos cantos. As panelas são para a cozinha, as camas para o quarto e os livros para a estante. Esse é o estado natural das coisas. Há – e não há – ordem, pois tudo está no lugar, e assim nada se mexe. Quando você leva um livro para a cama, quando come na sala, quando toma um chá na varanda, aí sim, você está criando uma nova ordem.

- mas tirar as coisas do lugar não seria uma desordem?

- e como você vai inventar coisas novas se não o fizer? Como criar uma nova ordem se não houver desordem? Olhe novamente o quarto; para quem observa as convenções de

予  
情  
松  
動

modo superficial, ele está uma bagunça; mas para quem estuda, dorme ou se diverte lendo e conversando, este é o canto mais aconchegante que há.

- então, uma boa bagunça pode ser a ordem?

- não, não – disse o mestre rindo... – isso seria somente desordem. Não ajudaria muito.

- por favor, me explique, fiquei confuso.

- se você comer sempre no quarto, as baratas tomarão primeiro a cozinha, depois, irão visitá-lo no seu canto. Se os livros saírem da estante, você os perderá. Mesmo a desordem acompanha a ordem. Como no mundo, os excessos levam à perda, a violência e ao desgaste. Deve haver um balanço equilibrado, um ajuste constante entre o natural, o necessário e o ideal. Isso é He 和 – a harmonia – a justa medida entre o

予  
情  
松  
勤

que queremos e o que podemos. Se há uma sabedoria, ela consiste nisso: ponha ordem no que você pode, e o resto se ajeita. Não force demais, nem fique parado; haja conforme o necessário, arrisque aos poucos, e na calma faça e execute os planos futuros.

Quando o mestre terminou, o aprendiz olhava os aposentos de outro modo. Estava tudo em harmonia, tudo estava no seu devido lugar, embora nada estivesse mesmo no seu lugar. Do mesmo modo, o mundo lhe pareceu uma casa cheia de coisas soltas; algumas no seu lugar, outras não, e uma vida inteira para se mexer nisso tudo.

## Quando não se vê a si mesmo

Era um funcionário dedicado, mas não bem sucedido. Seus esforços calculados, visando o maior bem – ou talvez, o menor incômodo – não atingiam os objetivos. Vivia em meio a um reino em que a cultura da inação era a tradição do trabalho. Embora quase se pudesse acreditar que este povo pretendia a salvação pela não-ação, não eram, contudo, nem caminhantes nem budistas; eram apenas adeptos da inércia.

Mesmo os demônios pareciam ter desistido de lá; afinal, não era preciso fazer nada para aquela terra ficar ruim. E qualquer ação nesse sentido talvez não fosse bem sucedida também. Afinal, nem atrás de pecados essa gente corria; elas os inventavam.

Somente a crítica maldosa tinha adeptos. O exercício da retórica e do debate era levemente exercitado, com fins de

予  
情  
松  
勤

coibir ações industriosas. E nesse caso, nosso magistrado pintou em si um alvo de injúrias.

A questão é que suas empresas incomodavam; mesmo que tudo ficasse melhor com suas propostas, fosse por inveja, ganância ou pela mais pura indisposição, seus detratores o impediam em quase tudo. Era quase de se crer que trabalhavam mais para não labutar do que outra coisa.

Um dia, então, desolado, este homem sentou-se exausto e se abandonou. Viu-se vencido, paralisado pelo marasmo que consumia a todos. Nessa hora apareceu o Andarilho Celeste, passeando pelo mundo, que se compadeceu do pobre homem e se dispôs a papear com ele. Após ouvir seus tormentos, o andarilho, com olhos de quem já viu tudo que deveria, falou com o magistrado:

- meu caro amigo, suas virtudes denunciam os erros alheios;

予  
情  
松  
勤

suas ações, a incompetência dos outros. Não pense que você não faz nenhum bem. Entendo o que você sente; há névoas dentro de si, e você não olha com claridade o que há ao seu redor.

- e o que há, então?, perguntou o magistrado.

- há um mundo. Há outros lugares. E há o simples passo de fazer o certo. Obviamente que às vezes é difícil enxergar o que funciona. Mas se o mundo parasse de vez, não existiríamos. Suas obras ajudam a continuar o movimento e a mutação. E quando você realmente cansar de promover o bem aqui, ou ver que esta seara se esgotou, você estará pronto para ir. Se não sentirem uma saudade inquietante de você, você receberá uma dispensa completa e sem ressentimentos para ir embora. Irá onde quiser, mas grande como você se construiu a si mesmo. Não se olhe no espelho para se descobrir menor do que é. Apenas quem é pequeno,

予  
情  
松  
勤

de fato, se empavona com sua própria imagem para se tornar algo que não é. Quando finalmente terminar sua missão, pode ir; mas se sofre, e se fica, é porque ainda não acabou; e se há resistências, é porque enfrentou a luta certa. Quem no caminho certo o veria como um caminho errado?

O homem se iluminou com as palavras do andarilho. No dia seguinte, movido pela obstinação em ajudar a humanidade, adicionada a uma boa dose de birra, ele fez mais não sei quantos projetos novos. Sentia-se longe de conformar-se com a mediocridade, como se parte de si mesmo fosse movida mais pelos problemas que há para se resolver do que pelas respostas existentes.

E então, rezou; e foi fazer o que tinha que fazer.

Repita-se dez mil vezes um ideograma e ele começará a fazer sentido por si mesmo.

予  
情  
松  
勤

## Predições Incômodas

Dizer a verdade ou o que é bom? E como admitir que ambas não são a mesma coisa?

Ao consultar o Ijing, - o tratado das mutações – a ânsia de uma boa predição é proporcional a eficácia do conselho. Quem, porém, já não sofreu a indisposição absoluta de receber um conselho contrário, ou de ser apresentado a uma limitação?

Há muito subterfúgios para se reler um mau augúrio: o despreparo íntimo, a pressa, a ansiedade, a incompreensão. Mas o Ijing não falha. Falhamos nós? Então, porque consultar o oráculo?

Por outro lado, na ausência total de uma perspectiva, buscamos a resposta nas mutações. Se nos soa favorável,

予  
情  
松  
動

tomamo-las por verdade, capaz de operar as mudanças necessárias.

Não é preciso muito, pois, para saber que é necessária coragem e sabedoria para consultar o livro. Só assim há capacidade de discernimento para averiguar o apropriado e o inapropriado. Mas quem tem coragem, sabedoria e discernimento, precisa consultar o oráculo? Só por humildade. E o humilde não se dispõe a fazê-lo por respeito...

予  
情  
松  
動

## Dazibao

O magistrado local havia convocado a reunião. Seria na verdade uma palestra, feita por um emérito sábio vindo de fora, que trataria de educação.

A preocupação do magistrado era-lhe clara: os educadores iam de mal a pior. Em sua ignorância abissal, esta gente que nada sabia ensinava de tudo. Desenvolveram uma crença quase religiosa em seus “saberes” fantasiosos, mas sabiam, no fundo, que sabiam muito pouco. O magistrado já percebera, e precisava mudar a situação – afinal, uma terra sem educação é um campo desolado e perdido, em que as ervas daninhas tomam o bom fruto.

Então ocorreu-lhe a idéia de chamar este sábio, e convocar os professores para ouvi-lo. Quem sabe isso não poderia tocar seus corações duros, e ajudar a todo o povo?

予  
情  
松  
勤

No dia marcado, estavam todos presentes no pavilhão da invocação da primavera, para tornar tudo mais auspicioso. Estava lá um professor que havia criado um projeto para investigar a exploração dos pobres. Suas supostas descobertas apontavam a culpa do governo em tudo, embora ele louvasse o mesmo governo por financiá-lo. Ele proclamava, aos quatro ventos, que se pudesse assumir o mesmo governo, sua primeira medida seria criar mais projetos contra a exploração dos pobres, assim como o dele.

Havia também um casal de professores que ensinavam de tudo: dança, teatro, filosofia, letras, culinária e estratégia. De fato, eles não ensinavam nada, e sabiam menos ainda; mas começaram a dizer que somente seus iniciados poderiam compreender suas lições sublimes. Não demorou que um certo número de ingênuos, incautos e aproveitadores se aproximassem deles; e como constatassem que nada

aprendiam – ainda que fossem iniciados – começaram a repetir a lorota de seus mestres, para não passar vergonha. Estava também um que era só risadinhas, e que todos consideravam a diversão da turma. Como havia conseguido algum sexo fácil, convencera-se que estava no caminho certo.

Outro, ainda, achava que a educação era um meio de promoção social e ganho financeiro. Como era um comerciante mal-sucedido, um cobrador mal-sucedido, um atleta incompetente e um aluno medíocre, arrogou-se ares de erudito e investiu na traição, na intriga e na indistinção. Conseguiu meia dúzia de fiéis iguais a si.

Esses eram alguns do vasto público com que o sábio teria que lidar. Quando ele chegou, recebeu as palmas calorosas e hipócritas de quem quer muito ganhar, mas está disposto a pouco ouvir. O sábio foi recebido como alguém que vinha ensinar a vender um produto qualquer.

予  
情  
松  
勤

Mas ele era um sábio de fato. O magistrado depositava nele a confiança de sua profundidade e a agudeza de sua mente. Ao chegar, um mero olhar já propiciou ao sábio um panorama do que teria de enfrentar. Firme, porém, e movido pelo hábito da verdade, ele começou sua preleção:

-Caros colegas; Vivemos no mundo da mutação. É um tanto óbvio começar dizendo que tudo muda, e que nós só acompanhamos este movimento. No entanto, o mesmo se dá com o conhecimento. Por isso, vim hoje lhes avisar que vocês sabem muito pouco – menos do que pensam. E talvez, NADA.

Aquela platéia de ilusão engoliu em seco, ofendida por esta afirmação escandalosa e eu lhes parecia agressiva. Contudo, alguns – cientes de que nada sabiam mesmo – intuíram que seria bonito repetir as palavras do sábio. Afinal, nada melhor para a falsa humildade do que afirmar que “não sabemos de nada”, ou “eu não sei isso”. Muitos professores haviam

予  
情  
松  
勤

aprendido que essa era uma boa desculpa para “construir conhecimento com os alunos” – algo semelhante ao que acontece nos dias de hoje quando uma professora pede dicas de moda para suas alunas, ou quando docentes aprendem a usar um telefone celular com eles.

Mas o sábio não se intimidou: - e quando falo isso, não afirmo para desmerecer apenas o que aprendemos. Mas a questão é que precisamos continuar estudando sempre. Se nos dispomos a ensinar, precisamos saber o antigo e o novo. Assim como um macaco não cai no mesmo truque duas vezes, o ser humano não deveria fazê-lo. Como se contentar, portanto, em ficar vinte ou trinta anos repetindo as mesmas lições? Um cavalo velho não puxa carroça; um remédio antigo não faz mais efeito; e uma pessoa cujos conhecimentos não evoluíram não deveria ensinar.

Essa realmente incomodou os “educadores”. “Agora, além de dizer que não sabemos nada ele quer que voltemos a estudar, como crianças?”. Esse era o pensamento geral. Imagine! “Estudei para ter esse emprego; agora que o tenho, preciso estudar para mantê-lo?”, diziam outros para si mesmos. Alguns ensaiaram que iam levantar e ir embora. Mas o sábio continuou:

- pois aquele que não sabe, não aprende, e mesmo assim ensina, esse demonstra não ter princípios. É um mentiroso, um impostor, e o que ensina aos seus alunos é a falsidade, a ganância e o caminho da desilusão. Alguém sem princípios não pode ensinar princípios.

Nesse momento, a turba irrompeu: “está nos chamando de mentirosos?”; “veio aqui nos ofender?”, berravam os “educadores” numa balbúrdia terrível. A gritaria generalizada correspondia a uma confissão de culpa, embora eles não

予  
情  
松  
勤

pu dessem compreender essa sutileza. Os maus, quando ofendidos, partem para a violência e o deboche, da ira à ofensa e ao escárnio. Em peso, ataçaram o magistrado a levar aquele “homem grosseiro” embora, antes que se desse um tumulto.

O sábio não se incomodou. Desde Confúcio, os que desejam ensinar o caminho da sabedoria correm esses riscos. Ele pegou suas coisas e foi embora. Sua partida foi a previsão de um mau agouro. Ele e seu amigo magistrado já sabiam disso. Pouco tempo depois, o segundo abandonou seu cargo também, e sumiu.

Se fizeram as convocações, e um pilantra qualquer virou o novo magistrado. Este contratou sofistas para dar palestras em troca de dinheiro, e consolidou-se a pedagogia da falsidade. Quando os mestres não dizem nada que preste, os discípulos que nada sabem confirmam seus saberes.

予  
情  
松  
勤

Não passou um ou dois anos e os alunos ludibriados queriam enganar também e ganhar seu troco. A disputa pelas vagas descambou na violência. A sociedade adotou a força como medida da razão, e o mais bruto começou a ditar as regras do apropriado e do inapropriado. Quando finalmente se tornou insuportável, o governo central interveio com mais violência ainda, matando muito, prendendo outros tantos, e pondo uma ordem artificial em meio aquele caos. Pairava, porém, uma sensação de injustiça no ar, pois era corrente entre os educadores que

Eles não sabiam de nada...

他们不会了 乌有

Eles não fizeram nada...

他们不作了 乌有

Eles não entenderam nada...

他们不懂了 乌有

予  
情  
松  
勁

.....

No dia em que o sábio foi embora, ele pincelou um dazibao – um cartaz de grandes palavras – dizendo a famosa frase do mestre Confúcio:

"Não tema ser desconhecido pelas pessoas, tema somente desconhecer as pessoas"

惠  
心  
知  
人  
也  
不  
已  
知

予  
情  
松  
勁

## A difícil Arte de Ensinar

Sócrates estava num daqueles dias – apesar da vã crença de que eles não existem para homens – e praguejava contra o calor ateniense. Era-lhe incompreensível que as pessoas não gostassem de um bom banho de mar, ou mesmo de tina; e Atenas fedia a óleo misturado com suor, sujeira e burrice. Para sua sorte ele não veria a morte por tifo, tempos depois, que levaria até mesmo o grande Péricles; a falta de higiene era horripilante, que fazia com que a acusação de “persas imundos” fosse quase uma ironia.

Esta gente peidava queijo, pão, azeite e peixe. O cheiro sumia-se no meio dos estrumes largados em meio à pólis democrática. A ágora, lugar de assembléia e votação, era o lugar perfeito para se fazerem merdas, e até os animais sabiam disso. Por isso, era difícil para Sócrates ensinar filosofia. Era mesmo difícil pensar em filosofia.

予  
情  
松  
勤

Um rapaz chamado Platão, seu puxa-saco de plantão, voltava de mais um dos seus passeios matinais pra encontrar com o mestre. Platão era uma pessoa peculiar; tentou ser lutador e apanhou, tentou ser poeta e foi vaiado, até que cismou que devia fazer filosofia, e foi bem sucedido. Ele era bom com lorotas; contava um monte de histórias que teria passado junto com seu mentor Sócrates, o que impressionava um bom público. Vendo de longe, ele pareceria um sofista, mas de perto, via-se que seu papo era todo sobre sonhos, imaginação, etc. Ele sonhava ser grande, mesmo que à custa do mestre, e estava desenvolvendo uma teoria para isso. Sócrates, coitado, não sabia.

Haviam marcado o encontro porque Platão queria que Sócrates humilhasse mais alguém naquela manhã. A coisa não era intencional: para Sócrates, ele havia sido convidado a instruir um politiqueiro rude sobre filosofia, o que lhe

予  
情  
松  
勤

pareceu uma surpresa agradável; já Platão queria dar uma treta no velho, e se passar usando o mestre para destruir as ilusões dos outros (e criar algumas novas, quem sabe). De fato, Platão gostava de tirar essa onda com incautos, e saía dos debates todo vaidoso dizendo “viu?, viu?, meu profe!”.

Encontraram-se no mercado, que ficava perto do estrumódromo (vulgo, ágora) – mais uma piada sem sentido dos atenienses – e foram tomar um gole para esperar o dito político. Outros alunos já estavam por ali para ver o embate, além do público de curiosos que vai passando, parando e assistindo. Platão já foi chegando e dizendo:

- mestre, tudo bem? Como você está lindo hoje!
- para com isso Platão, não sou chegado.
- desculpe, só queria agradá-lo...

予  
情  
松  
勤

- então me paga um gelado, esse dia tá ígneo! (tradução: quente pacas)

104

Nisso foi chegando Gaidaros, o tal político interessado em filosofia. Platão o convenceu a ir, na verdade, com um argumento bem diferente do que Sócrates esperava; Gaidaros estava lá porque Platão o disse que ia ter muita gente, e que se trocasse umas palavras com o mestre, ia ficar famoso e ganhar votos. Ele foi, era seu trabalho, afinal.

- oi, você é Sócrates?

- sim, e você é Gaidaros, presumo?

Platão nem se mexeu, sabia que o legal era deixar rolar o pau. Depois que começasse, era só ficar debochando.

予  
情  
松  
勤

- ah, então já me conhece?

- não meu caro Gaidaros, usei a filosofia para descobri-lo.

- como assim? O Platão não avisou que eu vinha?

- sim, mas... poderia ser outra pessoa a perguntar por mim. Assim, supus que se perguntava por mim, era porque me procurava. E como já sabia que alguém – você – me procurava, pude constatar positivamente que você é Gaidaros.

- você é sempre assim ou é esse copo de vinho que te deixa transtornado?

- porque, você vê na sua frente um homem transtornado?

- desculpa, mas me parece sim. Ainda mais que é de manhã é já está entornando...

Sócrates pensou: “porra, mais essa do Platão. Preciso dar um jeito nesse moleque”. Mas como estava ali pra filosofar, e como gostava mesmo de uma discussão...

- então, você acredita em tudo que vê?

- ué, sim.

- então, se você não ver, não existe?

- pra mim, não.

Sócrates pensou: “ops, por essa não esperava. Terei que ir por outro lado!”.

- mas bem... veja o caso de seu pai. Você tem pai, eu suponho. Ele ainda enxerga?

予  
情  
松  
勤

- não mais.
  - e o que ele enxerga deixou de existir?
  - pra ele sim. Mas onde você quer chegar, velho bêbado?
  - já pensou que, para seu pai, a coisa pode deixar de existir, mas para você não? E se é assim, você não pode confiar na visão?
  - escuta aqui malandro: se teu pai era mentiroso, problema teu. Ta chamando o meu pai de velhaco?
- Sócrates não esperava por essa.
- calma, estou dizendo que não podemos confiar nos sentidos... veja, o que para um é bom, para outro não é. Veja

予  
情  
松  
勤

os sabores, por exemplo; às vezes, gostamos de uma comida que outro não gosta. Como dizer que um sabor é melhor que outro, então?

- o que tem isso com meu pai ser mentiroso?

- nada... só quero dizer que uma opinião não é A verdade.

- tipo a sua, agora?

- erm... entenda...

- Tá, vamos falar de gosto: você gosta de mulher ou de homem?

- como assim?

- viu, tá na dúvida; por isso que pra você uma opinião não

予  
情  
松  
勤

vale nada. Se soubesse do que gosta, não tremia na resposta.

- existem ângulos nesta questão a serem examinados, oras.

- certo, falemos de comida, pois. Depois que comemos, tudo vira bosta. Se não comermos, não fazemos bosta, mas não vivemos. Isso significa que a vida depende da merda e vice-versa?

Sócrates estava aturdido. Platão enfiou o galho dentro e não sabia o que dizer. Ver seu mestre apanhando das palavras, assim, na rua, era feio. Já tinha muita gente rindo...

- você está falando de coisas diferentes.

Estávamos falando de visão, de opinião, e você misturou as coisas...

- claro, mas chamar o pai dos outros de mentiroso pode, né?
- não é isso... quero dizer que nem sempre o que nos dizem é verdade.
- nisso eu concordo. Partindo de você, tou começando a achar que isso é a mais pura verdade...
- mas assim não chegaremos ao verdadeiro conhecimento das coisas.
- que tudo vira bosta no fim?
- não, não é isso!
- hã, vai sonhando....  
(nesse momento, os olhos de Platão brilharam!)

Continuou Gaidaros:

- no fim, a gente vira comida de bicho. Tudo vira lixo. Temos é que tirar proveito da vida, enquanto dura.

- ahá! Então, porque você acredita nos deuses, que te deram esta vida finita? Não gostaria de mudá-la, ou saber o que tem depois?

- faz diferença? Se for bom, que bom. Se for ruim, tou ferrado mesmo. Não tou é entendendo essa sua relação dos deuses com merda.

- estou dizendo que acreditamos em coisas que não vemos.

- porra, tu é maluco? Fala pra não acreditar no que vê, depois no que não vê. Está dizendo que minha crença é uma merda?

- espere...

- já entendi a sua: você vem aqui, junta estes bobos, fala difícil pra dizer que o que meu pai me ensinou sobre deuses é merda, e ainda se acha sabichão? Você é um babaca, isso sim! Mas você tá ferrado, vou te mostrar como as coisas funcionam...

Sócrates ficou chateado: “discutir com gente tosca é f... Que dia quente!”. Platão deu uma sumida. Tempos depois, cataram Sócrates na rua e o mandaram pra prisão. Na Grécia daqueles tempos pensar era bonito, mas nunca demais, senão dava morte. Melhor, no geral, era concordar com quem manda e fazer das suas escondido.

Sócrates acabou “suicidado” pelo povo moderno, democrático e pra frentex de Atenas. Platão disse que tava lá, que fez, aconteceu, mas no final viu o mestre morrer. Nada melhor

pra ele do que ficar com a fama. Inventou um monte de histórias sobre Sócrates (só os diálogos na hora da morte são uns três), e sempre que a coisa apertava, dizia que a verdade estava “só tava tendo umas idéias, só tava pensando”, que vivia no mundo das idéias, e não aqui. Daí, ninguém esquentava.

# Todos têm Tao

Tao não é tudo de uma só vez  
Tao não é apenas 1, 2, 3  
Tao não é só caminho  
Tao não é só...zinho  
Tao não é tal coisa  
Tao não é o Tal  
Tao é, apenas  
Tao

Inspirado num poema Zen

*André*  
A N D R É



Todos os direitos reservados  
Creative Commons  
ANDRÉ. **Coisas Soltas** in  
[www.andrebueno-sinologia.blogspot.com](http://www.andrebueno-sinologia.blogspot.com), 2011



予情  
松動

予情  
松動